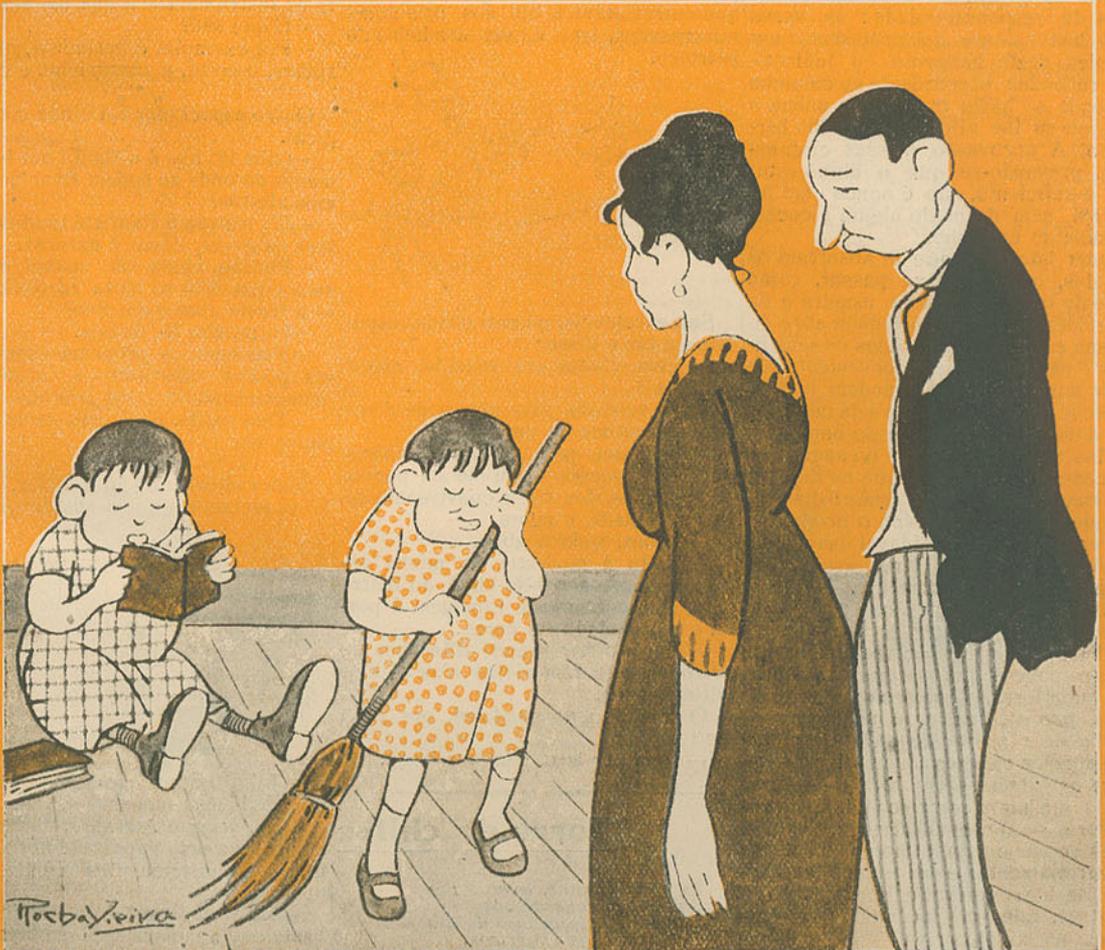




Redação, Administração e Oficinas—Rua do Seculo, 43—Lisboa

O FUTURO



EM FAMILIA. O PAE, PRECUPADISSIMO :

—Coitado do nosso pequeno mais novo! Não faz senão brincar com livros... Tem vocação evidente para doutor, isto é, mal vem a juntar para viver...

A MÃE :

—O mais velho está sempre de vassoura na mão...

—Vocação para varredor das ruas: esse não me dá cuidado! Ten um bbrilhante futuro!



PALESTRA AMENA

Exageros

Chega o tempo dos exames e o respeitivo assedio a professores, que mal tem tempo para ler as cartas de empenho, d'algumas das quais temos sido autores, sem repugnancia de maior — e sem repugnancia porque nunca pedimos senão justiça e porque nunca nos dirigimos senão a quem era incapaz de deixar de a administrar.

— Se as pessoas a quem se dirigia eram justiceiras, inuteis se tornavam as recomendações, dirá o leitor.

Não senhor, respondemos nós: é necessario que o examinador conheça o examinando, para avaliar o que ele sabe, pelo que diz e pelo que não diz, para o encaminhar se tanto fôr preciso, para se capacitar com segurança da intelligencia e do aproveitamento de quem se lhe apresenta em estranhas condições de responsabilidade: ás vezes uma boa palavra do professor, um simples gesto benevolo ou indicativo, reconduz o estudante ao caminho de onde se havia transviado, anima-o no que se lhe afigurou trabalho herculeo. A aprovação n'essas circumstancias, provando-se que o aluno estudou o suficiente, não é nunca uma injustiça, nem de modo algum a consequencia do empenho.

Quer isto dizer que se absolvam os cabulas, que se deixe passar, como ouro de lei, a sucata da asneira e da estupidez? Não: a sociedade abre diversas carreiras para todos os seus filhos e não é justo nem conveniente que para aquelas que demandam lucidez especial entre quem não seja capaz de ver dois palmos adiante do nariz.

Mas entendamo-nos: o exagero, o proceder do professor que na aula ou no exame não aprova senão o discipulo que *sabe tanto como o professor*, merece a mais formidavel das condemnações, porque não é razoavel e pode prejudicar insanavelmente. Não são muitos os professores que assim praticam e até, em cursos secundários, nenhum nome nos ocorre á memoria; mas os poucos que se citam, nos cursos superiores, não merecem a fama de *bons professores*, que adquiriram á custa de reparações. O terror: com que aqueles mesmos que assim os avaliavam os citam prova bem que seriam ainda melhores carrascos do que professores — e se consultarmos as estatísticas veremos uma lamentavel relação de atrofiamentos e de outras fatalidades devidas á ferula implacavel dos mestres, que se arrepiam e marcam zeros ao aluno se ele confunde, em quimica, as côres d'um precipitado ditas de memoria.

Para terminar, um facto: havia na Academia Politecnica do Porto um lente terrivel, d'estes que aprovam um por cento dos alunos. Nasceu-lhe um filho, que cresceu, estudou e foi uma vez reprovado n'uma cadeira, onde, posto que applicado, não satisfiz os

exageros do examinador. Desde então o pai tornou-se benevolo em extremo, deixando *vassar* escandalosamente quem quer que fosse, estudante ou não.

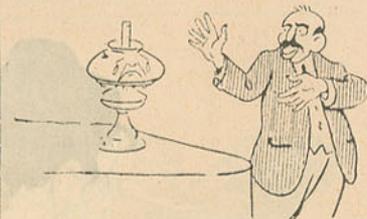
Asneira puxa asneira...

J. Neutral.

A volta do gaz

Já se anuncia o regresso do gaz, ausente desde o principio da guerra, e, consequentemente, o destronamento do petroleo, a que nos tinham costumado. Diga-se a verdade: Lisboa nunca estranhou demasiadamente a ausencia e pela mais simples das razões — porque ás escuras estava ela com o gaz que a Companhia se dignava fornecer.

Em todo o caso, faltariamos ao nosso dever se não procurassemos colher algumas impressões sobre o efeito que produziu a noticia do regresso, para o que entrevistámos um dos principais interessados, isto é, um candieiro de petroleo.



Sua excellencia, ao entrarmos, espetivou a luz e disse:

— Vem visitar um vencido, não é verdade?

— E' verdade, mas não pode dizer que seja vitima da guerra.

— Não; sou, pelo contrario, vitima da paz. A guerra abriu-me as portas dos palacios, deu-me a convivencia da alta sociedade, e agora...

— Agora, tudo acabou.

— Vólto á modestia da minha antiga vida. Aos rez-do-chão do bairro alto, com cortinas de ramagem á porta e esta vedada em parte...

— Ha-de achar grande diferença do meio em que tem vivido n'estes dois ultimos anos.

O candieiro, apagando-se, por falta de torcida:

— Nem por isso, nem por isso...

Torre de chifre

*As almas santas, como a tua
Andam em roda de nós
Como um rato branco da tua
Desfazendo-se em retroz.*

*Para onde é que me levas
Atravez os sombrios ares?
Posso eu andar nas trevas
Sem tu, amor, me acompanhares?*

*Desce, sim, do celeste empirio
E vem ser a minha companheira
Eu quero desfolhar o lirio
Do teu amor verdadeiro!*

SAMUEL B. TORRES.

Sem musicos

Nos teatros de opereta, por motivo de uma *grève* de musicos, as respeitivas partituras foram durante estas ultimas noites executadas a piano e uma — *Miss Diabo* — a piano e guitarra, com grande apazimento do publico, o qual, ao que parece, não se julgou melindrado nos seus direitos. Sobre o assunto, consultámos algumas pessoas que costumam frequentar os teatros e d'elas colhemos as impressões que se sequeem.

— Que diz v. ex.^a á opereta X., sem orquestra?

— Ora! O que a gente quer é passar uma noite divertida. Depois, se é certo que para muitos instrumentos se necessita de longa pratica, outros ha que qualquer pessoa pode tocar. Se os musicos profissionais continuarem com a teimosia, os *maestros* o que devem a fazer é escrever musica só para os instrumentos a que me refiro.

— E que são?

— Por exemplo, o berimbau, os ferriños, o apito, a campainha, etc.

* Outro espectador foi ainda mais radical.

— Olhe lá: não é a flauta um instrumento de onde se podem tirar belissimos efeitos?

— E'; mas se o flautista tambem entrar na *grève*, como é natural...

— Perdão, ainda não acabei o meu raciocinio. Não se imita razoavelmente a flauta com o assobio?

— Imita, não ha duvida.

— Pois bem: os proprios espectadores podem substituir a orquestra, acompanhando o canto com assobio.

— Tem razão. E já não seria a primeira vez...

Mas radical, radical a valer, foi o 3.^o espectador a quem nos dirigimos e



que foi o nosso querido Marques — nem mais nem menos.

— Eu, disse o Marques, perentoriamente, sou pela supressão absoluta de todos os instrumentos musicos na opereta.

— Ah! Então você é de opinião que basta que a musica seja cantada pelos atores?

— Qual cantada, nem qual diabo! Sou pela supressão do proprio canto.

— Mas d'esse modo...

— D'esse modo a peça muitas vezes, não tinha nada a perder. Se não, ai temos o animatografo, onde tenho visto operetas esplendidas, com artistas fotografados!



Falta de jornais

Lisboa, esteve ultimamente dois ou tres dias sem jornais, situação que, a nosso ver, na Europa só se pode dar mais n'esta linda e originalissima cidade — o que não quer dizer que se não possa dar entre os zulos e em certas povoações de antropofagos, na Oceania.

Que impressão produziria entre os civilizados lisboetas semelhante interrupção? Eis o que a nossa reportagem averiguou, como se vai ler.

* * *

Em casa de burguezes remediados. O dono da casa é conhecido pela sua illustração. O reporter encontrou-o a ler o *Seculo* e interrogou-o:

—Então não lhe tem causado transtorno a falta de jornais hontem e hoje?
O homem, admiradissimo:
—Então hontem e hoje não houve jornais?!

—Não.
O homem lendo a data do que têm nas mãos:

—Este, efétivamente, é muito atrazado; é de maio...

—Estava a lê-lo para matar saudades?

O cidadão:
—Foi a criada que m'o deu, quando



eu lhe pedi que me trouxesse o jornal.

Chamando;
—O' Maria!
—Senhor!
—Então você trouxe-me um *Seculo* do mez passado?

A criada:
—Trouxe um qualquer da ruma de eles que o senhor lá tem no escritorio. E' o costume.
E era.

* * *

Em casa da D. Aldonça, alguém chorava copiosamente.

O nosso reporter pediu desculpa de se atrever a entrar, quando, evidentemente, algum desgosto se dava na familia da respeitavel senhora, mas a sua missão — disse — obrigava-o a ser indiscreto.

—Venho, minha senhora, saber se pensa v. ex.^a da suspensão dos jornaes...

EM FOCO

Coronel Sá Cardoso



*Eis-me a saudar o novo presidente,
Que se esta saudação o não sagra a
Seria recebido com má cara
E torcido nariz por toda a gente.*

*Desde menino e moço, de inocente,
Eu lhe conheço a probidade rara,
A ardente fê, que nunca o desampara,
A fama de sagaz e inteligente.*

*Companheiros no tempo da folia,
Tinha aberta esta letra a lo igo praz,
Que hoje venho pagar com alegria*

*E ao mesmo tempo maldizer o acaso:
Ele está coronel de artilharia
E eu — que palerma! — nem soldado raso!*

BELMIRO.

O fim do mundo

Ao susto proveniente da noticia dada pelos jornaes de que o mundo ia acabar, succedeu outro ainda maior, qual é a de que o mundo não acaba mas o que acontece é Jesus Cristo vir segunda vez á terra e terminar com o atual estado de coisas. Assim o explica o sr. Jorge Howes, interpretando as palavras do reverendo Webb Plooe; a quem se attribuiu a primeira das profecias referidas.

Acabar o mundo seria uma grandissima espiga para toda a gente, mas aparecer outra vez Jesus Cristo não



será menor, não só para elle, que, provavelmente será crucificado como há 1952 anos, mas para aqueles que se arvoraram em seus representantes, para os que dizem: seguir-lhes as doutrinas e para os que as não seguem; isto é, também para toda a gente.

E já agora deixem-nos prefetisar também que d'esta vez o Nazareno não chega aos 33 anos: se se põe a resuscitar mortos e a curar a torto e a direito, os medicos dão cabo d'ele dentro em pouco tempo.

Correspondencia

Libros — A seu tempo apreciaremos. Esperem, arre!
Lino Testador — A Torre de chifre é demasiado macia para os seus versos: quando se inventar materia mais dura, terão cabimento.

A D. Aldonça:
—Ai! não me fale n'isso! Pois é por causa d'esse acontecimento que minha filha está lavada em lagrimas...

—Tal é o desgosto de não ler jornais?...

—Tal é o desgosto de se lhe ter desmanchado o casamento.

—Mas... que tem o casamento com a imprensa periodica?

—Tem tudo. Minha filha e o noivo só se podiam corresponder por meio de anuncios amorosos, por motivos particulares e no jornal de hontem o rapaz declarava que se minha filha não lhe respondesse hoje, se suicidaria.

—Mas foi um caso de força maior...

—Suicidou-se, com certeza, que ele é rapaz de palavra. E afinal é a mania d'ele... Desde que namora a rapariga, já se suicidou quatro vezes!

Respondendo

O nosso focado da penultima semana envia-nos o seguinte espirituoso soneto:

*Acacio! á vossa musa lisongeira
A minha eterna gratidão protesto,
E mui grato tambem me manifesto
A' colaboração do Rocha Vieira,*

*Porém aquella intonsa bigodeira
Que ele me poz no parecer modesto,
Isso é que não me inspira o mesmo gesto,
E se insulto não é, é chuchadeira.*

*Ohando esse retrato, dir-se-hia:
Que o pinhal de Azambuja ou de Leiria
Surgindo do nariz ao labio acode...*

*Repto: muito grato me confesso,
Mas se tanto elogio não mereço
Não mereço tambem tanto bigode!*

Gustavo Seque ra.

Se soubessemos que o autor nos mandava segundo soneto, focavamo-lo outra vez.

A CARESTIA GERAL



O FREGUEZ :

—Seis mil reis por um chapéu de palha!

O CAIXEIRO, EXPLICANDO :

—Que quer v. ex.^a! As subsistências estão por um preço elevadíssimo!